



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

DECLÍNIO DO FUTEBOL ITALIANO

AMANDA DUARTE MILLAN AVILA

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

**DECLÍNIO DO FUTEBOL ITALIANO: DA DÉCADA DE
OURO À ASCENSÃO ALEMÃ**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de

Comunicação Social/ Jornalismo

AMANDA DUARTE MILLAN AVILA

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Refkalefsky

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Declínio do Futebol Italiano: da década de ouro à ascensão alemã**, elaborada por Amanda Duarte Millan Avila.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 10/12/2013

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Refkalefsky
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Gabriel Collares
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Prof. Dr. Mario Feijó
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

Agradecimentos

Dedico esta monografia primeiramente a minha mãe Ana Cláudia, que sempre me apoiou em todas as minhas decisões e nunca deixou de ser meu porto seguro. Gostaria de agradecer ao meu irmão Bruno por todo carinho e (muita) paciência que teve comigo neste “período de monografia” e ainda de possível rebaixamento do Vasco.

Dedico também a mim, que sem a minha perseverança no curso e força de vontade em acabar no tempo “certo” de quatro anos, corri contra o relógio e consegui o que poucos estudantes da ECO conseguem: conciliar trabalho e faculdade.

Gostaria de agradecer a todos os professores da Faculdade de Comunicação da UFRJ, que de alguma forma me ajudaram a realizar mais essa conquista, e principalmente ao meu orientador, carinhosamente apelidado de Ref, e a minha banca, Collares e Mario, que conseguiram se virar em suas agendas e me ajudaram a conseguir um dia em comum, fazendo algumas concessões. Ainda me lembro de quanto era apenas uma caloura e achava que o TCC estava muito longe e era praticamente uma outra vida.

Gostaria de agradecer aos meus amigos, que tiveram paciência comigo nesses últimos meses, apesar das minhas ausências nas rodas de bares, saídas e aniversários, além da minha “mania de estudante de último período”, de só querer falar sobre o tema de monografia. Acima de tudo, quero agradecer ao meu namorado Hugo por tudo o que fez por mim nos últimos meses. Obrigada por fazer dos “dias de monografia” mais felizes e divertidos, por aguentar meu nervosismo e ansiedade e por me ajudar a não perder o foco (quase) nunca.

Dedico ainda este trabalho a todos os amantes do futebol bem jogado e que, assim como eu, torcem por um Campeonato Italiano mais atraente e acreditam que o futebol é também a janela da sociedade e a melhor maneira de se chegar até a alma do ser humano.

AVILA, Amanda Duarte Millan Avila

Declínio do Futebol Italiano: da década de ouro à ascensão alemã.
Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Eduardo Refkalefsky

AVILA, Amanda Duarte Millan Avila. **Declínio do Futebol Italiano: da década de ouro à ascensão alemã.** Orientador: Eduardo Refkalefsky. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo de estudo levantar questionamentos a respeito de um tema sem grande destaque no Brasil: o declínio do futebol italiano. Com base nos conceitos empregados pelo escocês Richard Giulianotti, um dos precursores quando se trata de sociologia aplicada ao futebol, e a partir da análise de receitas dos clubes da Itália e Alemanha e de seus públicos pagantes ao longo do período analisado, pretende-se investigar os motivos que fizeram da liga mais glamorosa da Europa, que teve como protagonista o Milan de Arrigo Sacchi, que revolucionou o esporte mundialmente e muito influenciou o futebol brasileiro, à sua decadência, que culminou na perda da vaga da Liga dos Campeões, em 2011. Em contraponto, tem-se a ascensão do futebol alemão. Ao contrário do que muitos afirmam o futebol não é resolvido apenas dentro de campo. Questões externas, tanto políticas, quanto sociais e econômicas, interferem diretamente no sucesso ou fracasso nos gramados.

Palavras-chaves: Itália; futebol; Milan; Calciopoli; corrupção; estádios; Ultras; Alemanha, Bundesliga

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	8
2 – A DÉCADA DE OURO ITALIANA	12
2.1 - Gli Immortali e Gli Invincibili – O Rossonero de Milão	12
2.2 – Supremacia italiana na Europa	17
3 - ANTIQUADO, CORRUPTO E VIOLENTO – O FIM DO IMPÉRIO	21
3.1 - Corrupção: o outro esporte italiano	22
3.2 – Os Ultras Atacam	27
3.3 – Ultrapassados e Abandonados – A Sina dos Estádios Italianos.....	30
4 - A FÊNIX ALEMÃ.....	33
4.1- De fracasso à sensação mundial em uma década	33
4.2 - E a vaga é da... Alemanha!	36
5- CONCLUSÃO.....	42
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 – INTRODUÇÃO

O futebol é um ambiente em que o inesperado, a sorte e as circunstâncias da partida têm uma grande influência no resultado do campeão. Porém, não se pode decretar um vitorioso apenas com o que acontece dentro de campo. Ao analisar Eras de Ouro de grandes clubes pelo mundo, pode-se perceber características externas, que, somadas, definem um declínio ou ascensão de determinada escola do esporte bretão. Se o futebol é uma caixinha de surpresas, a Itália é a exceção à regra. Esta monografia busca entender os motivos que levaram ao declínio do futebol que, na década de 90, era referência e influência para outras escolas, como a brasileira, assim como pretende tornar-se um guia prático para o governo e cartolas brasileiros.

No Brasil há uma pouca produção científica sobre futebol, segundo Giulianotti, explicado pelo preconceito que o tema procria no meio acadêmico. Apesar de toda a riqueza de possibilidades que o estudo sobre o futebol abre para a compreensão da complexidade do social, o tema tem sido pouco explorado academicamente. Ainda predomina nessa área, a literatura de memorialistas e curiosos que, sem deixar de ter sua importância, produz uma visão permeada de subjetividade acrítica e de reprodução de mitos.

De acordo com o sociólogo, esta situação é explicada pelo desprezo intelectual à cultura de massas, como se percebe entre os teóricos frankfurtianos, que associam ao esporte apenas a trivialidade de jogar e assistir a jogos, enfatizando o seu caráter alienante e pouco educativo, que estimula a falta de discernimento crítico e facilita a manipulação política. Porém, é com base, muitas vezes no futebol, que é possível não só entender a sociedade e vice-versa, como também, perceber reflexos de uma na outra.

Este trabalho, portanto, busca não só tratar sobre o futebol como abordar um assunto totalmente original e precursor no Brasil: o futebol exterior, especificamente o italiano e o alemão, em um estudo comparativo para tentar explicar as razões para a problemática, que consiste no questionamento de que se é possível explicar o revés sofrido pelo futebol italiano, o que poderia explicar e alertar às demais escolas. A pesquisa analisa notícias, matérias e reportagens especiais dos Estados Unidos e da Europa, principalmente da Itália e da Grã-Bretanha, assim como dados e estatísticas coletados de arrecadações anuais, transações entre jogadores e audiências *in loco*.

Os clubes da Velha Bota viviam o que pode ser considerado o maior auge da história do futebol italiano, marcado por uma sequência expressiva de nove vezes em um período de dez anos com clubes do país na final da Copa da UEFA, sendo conquistados oito títulos.

Como em toda fase, há um personagem principal, nesta não seria diferente. Torna-se destaque a Era de Ouro do Milan, entre os anos de 1986 a 1994, quando o time de Milão conquistou dois Mundiais de Clubes, três Liga dos Campeões, três Supercopas Europeias, quatro *Scudettos*¹ e quatro Supercopas Italianas.

No entanto, como todo grande Império, uma hora a hegemonia tem seu fim. Ao mesmo tempo em que a seleção italiana levantava o caneco na Copa do Mundo de 2006, o futebol do país foi atingido por uma crise que perdura até os dias atuais e que teve início com os escândalos na armação de resultados. Percebe-se, assim, esse momento como o marco do declínio.

O período analisado vai de 1986, com a chegada de Silvio Berlusconi, dono do Milan, a 2011, marcado pela perda de uma vaga italiana na Liga dos Campeões, a mais glamorosa e almejada competição de clubes do planeta.

É preciso antes de mais nada entender que o futebol é um fenômeno social e historicamente produzido, ou seja, para entender suas nuances e abordá-lo em sua complexidade devemos compreender táticas, regras e leis como instrumentos socialmente produzidos num misto de razão e emoção. Afinal a compreensão do futebol vai além do pragmático, mas também está longe de ser baseado apenas no futebol-arte (técnica).

Quando se compara os contrastes que os clubes italianos viveram nesse espaço de tempo escolhido, percebe-se que os anos dourados estavam diretamente relacionados à abertura da janela em 1980 a jogadores estrangeiros, fechada desde 1966, após o vexame da Squadra Azzurra na Copa do Mundo da Inglaterra, em que perdeu para a Coreia do Norte por 1 a 0 e acabou eliminada ainda na primeira fase. Essa foi a gota d'água para que os clubes investissem na formação de jovens atletas – a seleção bicampeã na época havia sido eliminada nas últimas quatro participações em Copas ainda na primeira fase, sendo que em 1958, nem sequer chegou a disputar, pois foi desclassificada pela Irlanda do Norte nas eliminatórias (COELHO, 2009, p.15).

Em contrapartida, na queda do futebol italiano, percebe-se uma ausência de grandes contratações, dificultadas pelos altos tributos. A chegada de Ibrahimović ao Milan, em 2010, pelo valor de R\$53 milhões, por exemplo, foi a mais importante desta fase. Esta, marcada pela exportação de seus principais jogadores ainda com destaque, como o zagueiro Thiago Silva e

¹ Nome dado ao título do Campeonato Italiano

o próprio Ibrahimović. Em 2012, ambos foram vendidos pelo Milan ao Paris Saint-Germain, da França, pelo valor de R\$160 milhões.²

A partir de 1999, fim da sequência de três finais consecutivas da Juventus na Liga dos Campeões e da década mágica para os italianos na Copa da UEFA, os sucessos dos clubes da Velha Bota pelo continente eram esporádicos e quase uma exceção. Caso da Inter de Milão, campeã do campeonato mais importante da Europa, em 2010, com um time titular apenas de estrangeiros.

Quando se analisa essa balança desfavorável nas transferências de jogadores no *Belpaese*, une-se aos escândalos de arbitragem, a criação da Premier League em 1992, que passou a dividir as atenções de jogadores na Europa.³

A crise econômica mundial não atingiu a Itália de primeira, mas também não passou em branco. Após uma década de estagnação do país⁴, com problemas na taxa de crescimento e queda acentuada no poder de compra da população⁵, o futebol passou a sentir as consequências. O Campeonato Italiano na temporada 2011/12 chegou a começar atrasado por conta de uma greve de jogadores, que exigiam maior segurança, já que os times estavam forçando situações de rescisão de contratos para diminuir gastos.⁶

Paralela à crise italiana, tinha-se início a ascensão do futebol alemão. Há 15 anos, ninguém imaginaria que a mais importante liga da Europa perderia espaço para a Bundesliga.⁷

Após a década de 1990, decepcionante para o futebol da Alemanha – com problemas organizativos, falta de público nos estádios⁸ - a Federação Alemã de Futebol iniciou, no início

²Valor transferência Ibrahimović e Thiago Silva. Fonte: Transfermarkt Disponível em <http://www.transfermarkt.co.uk/> Acesso em 20 out. 2013

³História da Premier League. Fonte: Site oficial da Premier League Disponível em <http://www.premierleague.com/en-gb/about/history.html> Acesso em 20 out. 2013

⁴Economia Italiana. Fonte: WTO Disponível em http://www.wto.org/english/news_e/pres10_e/pr598_e.htm Acesso em 21 out. 2013]

⁵Italy: The sick man of Europe. The Telegraph, 15 de abril de 2008

⁶Ufficiale: è sciopero. La serie A non parte. Corriere dello Sport, 29 de novembro de 2012

⁷Finanças do Futebol Europeu 2008/2012. Fonte: Consultoria Deloitte Disponível em <http://www.deloitte.com> Acesso em 23 out. 2013

⁸Público nos estádios alemães na década de 90. Fonte: European Football Statistics Disponível em <http://european-football-statistics.co.uk/attn.htm> Acesso em 23 agosto 2013

dos anos 2000, um processo de profunda reestruturação, que envolveu os clubes e a seleção nacional. Essa mudança ganhou força com a Copa do Mundo de 2006, que exigiu uma alteração na infraestrutura, como a modernização e construção de estádios.

Além da transformação estrutural, também ocorreu uma mudança de mentalidade. Os clubes alemães passaram a apostar na formação de jogadores, o que há 20 anos seria impensável. Assim, não só mantiveram seus atletas na Bundesliga, como também, promessas vindas do exterior aterrissavam ali, motivadas pela recuperação financeira, fruto dos novos contratos com patrocinadores e televisão, e pelas mudanças no calendário, como paralisação de inverno. Esses fatores contribuíram para o aumento da competitividade do torneio.

Culminou, assim, na queda da Itália no ranking europeu, do terceiro para o quarto lugar e, conseqüentemente, na perda de uma vaga na Liga dos Campeões. Dessa maneira, percebem-se fatores externos ao campo, que agregados, foram os motivos do declínio do futebol italiano.

2 – A DÉCADA DE OURO ITALIANA

Grandes lances do futebol e, obviamente, times históricos, fazem parte de Eras que são preservadas na memória de todo amante do esporte mais apaixonante do planeta, como um tipo de coletânea de sucessos. São momentos que ficam eternizados e vêm à tona facilmente quando pensamos no *calcio*.

Uma pintura de Lionel Messi. Dribles de Ronaldinho Gaúcho. O golpe final de Carlos Alberto Torres na decisão da Copa do Mundo de 1970. Até mesmo o gol de placa de Diego Maradona, pulverizando a defesa inglesa em 1986. Passes errados, finalizações bisonhas e partidas inexpressivas raramente são lembradas.

No entanto, tudo isso mudou no fim da década de 1980, quando o esporte bretão, aliado ao avanço da tecnologia, rompeu barreiras e entrou de vez nas casas ao redor do mundo. Transmissões de partidas ao vivo se tornaram normais e, com isso, o futebol virou um produto a ser exportado para os milhões de espectadores famintos pelo conteúdo. As maiores ligas do planeta perceberam que estavam com uma galinha de ovos de ouro nas mãos.

Tudo isto coincidiu - e até ajudou a criar - com a maior era do futebol de clubes da Itália. No fim da década de 1980, a Serie A se tornava o campeonato nacional mais relevante do planeta. Sete aparições seguidas em finais de Copas da UEFA, com seis títulos, sendo três destas decisões exclusivamente entre equipes da Velha Bota, são apenas provas desta hegemonia italiana na Europa.

Entretanto, o maior feito ficou reservado ao Milan. Regido por três craques holandeses e por um dos maiores técnicos da história do futebol, o time de Milão conquistou duas Ligas dos Campeões consecutivas, última vez em que um clube conseguiu tal proeza.

2.1 - Gli Immortali e Gli Invincibili – O Rossonero de Milão

Em baixa após duas quedas para a segunda divisão italiana em três anos, o Milan foi adquirido pelo magnata Silvio Berlusconi⁹ em 1986. A partir daí, tudo iria mudar para o clube de Milão. Logo no segundo ano sob o comando do novo chefão, o *Rossonero*¹⁰ terminou na quinta colocação do Campeonato Italiano. Porém, o divisor de águas da equipe estava fadado a acontecer na *Coppa Italia*. Engana-se, no entanto, quem imagina que o Rubro-Negro conquistaria o torneio. Longe disso. O time vermelho e preto foi eliminado nas oitavas-de-final pelo Parma¹¹, do até então desconhecido técnico Arrigo Sacchi.

⁹ Primeiro ministro italiano entre os períodos de 1994 a 1995, 2001 a 2006 e 2008 a 2011. Renunciou ao cargo em novembro de 2011, por conta de escândalos sexuais e fraude fiscal.

¹⁰ Rubro-Negro em italiano, cores do Milan, e também como o clube é conhecido

¹¹ Jogos Coppa Italia 1986/87. Fonte: RSSSF Disponível em <http://www.rsssf.com/tables/italcup87.html> Acesso em 20 abr. 2013

Um dos estereótipos mais antigos é de que o futebol italiano é muito defensivo, devido ao *catenaccio*.¹² “Os italianos não podem nos derrotar, mas nós certamente podemos perder contra eles”, certa vez declarou Johan Cruyff, ao que Carlo Ancelotti respondeu: “Se Cruyff quer entretenimento, que vá ao cinema”.¹³ Contudo, em 1987, um ex-vendedor de sapatos implementou uma filosofia inteiramente nova de jogar, antes desconhecida pelos times da Itália. Comandando o Parma, da segunda divisão italiana, Arrigo Sacchi eliminou o Milan na primeira fase de mata-mata da *Coppa Italia*. Impressionado pela forma como sua equipe foi dominada, Silvio Berlusconi decidiu levar Sacchi para Milão.¹⁴

Sacchi chegou ao Milan em um período de entressafra. O clube ainda se recuperava do escândalo de armação de resultados que o relegou à segunda divisão e não era uma força a ser levada em conta. Não era forte no cenário italiano e muito menos no europeu. A contratação de um técnico jovem e sem um passado de sucesso como jogador não ajudou em nada a situação. Atualmente conhecido por suas anedotas, Sacchi, mesmo naquela época, fez questão de bater de frente com a imprensa e disse: “Não sabia que era preciso ter sido cavalo, para ser jóquei”.¹⁵ Era o início de algo inesquecível.

Junto com Sacchi, três estrelas holandesas desembarcaram em Milão para defenderem as cores do time de Berlusconi: Frank Rijkaard, Ruud Gullit e, talvez o mais importante de todos, Marco van Basten.

Adepto do futebol ofensivo, Arrigo Sacchi promoveu uma revolução. No Milan, o treinador colocou em prática um 4-4-2, com marcação por zona, considerado uma das três formações táticas mais inovadoras da história.¹⁶ O modo de trabalho de Sacchi era pouco

¹²O *catenaccio*, ou ferrolho em italiano, é uma estratégia de jogo que consiste em duas prerrogativas fundamentais: solidez defensiva e rapidez no contra-ataque. Com a presença de um líbero na zaga e jogadores estacionados no próprio campo, a tática se tornou famosa na década de 1960, quando a Internazionale conquistou duas Liga dos Campeões sem encantar, vencendo por placares magros.

¹³ Professor Champions League, Paul Simpson. Fonte: FourFourTwo. Disponível em <http://fourfourtwo.com/blogs/championsleague/archive/2012/05/19/fascinating-final-clash-of-styles-which-echoes-down-the-ages.aspx> Acesso em 19 mar. 2013

¹⁴ Disponível em <http://www.quattrotratti.com/2010/03/tecnicos-arrigo-sacchi.html> Acesso em 20 mar. 2013

¹⁵ Fonte: FIFA Disponível em <http://pt.fifa.com/newscentre/features/news/newsid=1639621/index.html> Acesso em 20 out. 2013

¹⁶ Milan por Arrigo Sacchi. Fonte: FourFourTwo Disponível em [fourfourtwo.com // http://au.fourfourtwo.com/features.aspx?CIaFID=6948&CIPseq=3](http://fourfourtwo.com//http://au.fourfourtwo.com/features.aspx?CIaFID=6948&CIPseq=3) Acesso em 20 mai. 2013

convencional para os padrões da época. Para o técnico, era fundamental jogar com mais intensidade, movimentar-se em campo, diminuir o espaço do adversário, enfim, que cada um contribuísse para o time como um músico o faz para uma orquestra.

Uma das maiores lendas envolvendo Arrigo Sacchi se reserva justamente ao método peculiar do treinador. Certa vez, um olheiro adversário se infiltrou no Centro de Treinamento do Milan para analisar a equipe antes de uma importante partida. Ele se escondeu nos arbustos e assistiu ao time se movimentar em campo. Somente após alguns minutos de observação, o espião percebeu que não havia uma bola em campo. De volta para relatar à sua comissão técnica o que viu, o olheiro se mostrou confuso e não soube explicar como alguém pode treinar sem uma bola de futebol. Na semana seguinte, vitória do Milan de Arrigo Sacchi.¹⁷

Apesar de ser claramente um mito, a forma usada por Sacchi não se distanciava da relatada. Com um 4-4-2 extremamente ofensivo, o treinador exigia que, ao atacar, cinco jogadores sempre estivessem à frente da linha da bola.¹⁸ O técnico realmente interrompia o treino e posicionava os atletas da maneira como queria que eles se dispusessem em campo, sem a bola, de modo que a defesa e o meio-campo nunca estivessem separados por mais de 25 metros.

Sacchi sabia que seu time tinha talento suficiente para causar danos quando tinha a bola nos pés, mas também fazia questão de recuperar a pelota o mais rápido possível. Por isso, prezava por uma marcação pressão, tática copiada pelos grandes times atuais, em especial o Barcelona.

No final dos anos 1980 e início da década seguinte, foi o Milan de Arrigo Sacchi, comandado em campo pelo trio holandês Rijkaard-Gullit-Van Basten, que sobrou na Europa e no planeta com a tática do impedimento, a compactação das linhas e o “pressing” inspirados no Carrossel Holandês de 1974 e liderados pelo líbero Franco Baresi. Um time de coordenação quase perfeita no “simples” 4-4-2 que fazia seus craques brilharem.

¹⁷Histórias de Arrigo Sacchi. Fonte: Forza Italian Football. Disponível em <http://forzaitalianfootball.com/2012/08/arrigo-sacchi-and-his-italian-revolution/> Acesso em 20 fev. 2013

¹⁸Arrigo Sacchi e a revolução tática via 4-4-2, Rodrigo Gasparini. Fonte: Trivela. Disponível em <http://trivela.uol.com.br/blog/lado-b/13o-arrigo-sacchi-a-revolucao-tatica-via-4-4-2> Acesso em 21 abr. 2013

Nos anos 2000, é o Barcelona a equipe mais marcante pelas verdadeiras seleções mundiais que venceram três ligas espanholas e duas ligas dos campeões com um quase imutável 4-3-3 que adianta a marcação e valoriza a posse de bola.¹⁹

O início do trabalho de Sacchi não foi dos melhores. Sem Rijkaard, que ainda não havia sido contratado, e tendo o desfalque do lesionado Van Basten, o Milan teve uma sequência de tropeços, também pela mudança radical na forma de jogar imposta pelo jovem técnico. A carga de trabalho era muito diferente da qual os atletas estavam acostumados e isso teve um reflexo em campo.

A derrota mais marcante da época foi para o Espanyol. O clube de Barcelona eliminou o Milan na segunda fase da Copa da UEFA, com uma vitória de 2 a 0 no primeiro jogo, disputado na Itália, e um empate em 0 a 0 na partida de volta. Mas Silvio Berlusconi não perdeu as esperanças em seus jogadores e, principalmente, em Arrigo Sacchi. Posteriormente, Sacchi revelou uma conversa com o chefão. "Quando cheguei ao Milan, o Berlusconi disse que me dava três anos. Respondi que era demais. Porque na verdade as pessoas nunca nos dão muito tempo para vencermos nesse meio".²⁰

Após cinco vitórias, quatro empates e uma derrota, o Milan superou a Roma pelo placar de 1 a 0. Todavia, por conta de alguns foguetes que explodiram perto do goleiro romano Tancredi, a Comissão Disciplinar concedeu os três pontos para o time da capital.

Depois da conturbada partida, era a hora de entrar em campo para o clássico contra a Internazionale, pela 12ª rodada do Campeonato Italiano 1987-88. Com gol de Ferri, o Rossonero venceu o jogo e emendou outros quatro triunfos consecutivos.

Na tabela, a liderança era do Napoli de Diego Maradona, Ciro Ferrara e Careca. O time de Nápoles somava 27 pontos, contra os 24 do Milan, vice-líder. A três rodadas do final do torneio, quando a equipe napolitana mantinha a primeira colocação, com dois míseros pontos de vantagem, chegara o momento do esperado embate entre Norte e Sul da Itália.

¹⁹ Olho Tático, André Rocha. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/platb/olhotatico/2010/03/24/a-tatica-e-os-craques/> Acesso em 20 fev. 2013

²⁰ Fonte: FIFA Disponível em <http://pt.fifa.com/newscentre/features/news/newsid=1639621/index.html> Acesso em 20 fev. 2013

O palco da decisão antecipada do campeonato era o Estádio San Paolo, casa do Napoli. Esperava-se que os anfitriões tomassem as rédeas da partida, mas Virdis abriu o placar para os visitantes. Maradona, pouco depois, cancelou a vantagem rubro-negra. No entanto, o dia era vermelho e preto. Virdis recolocou o Milan na frente e Van Basten ampliou a vantagem. Careca ainda diminuiu, mas a vitória era dos comandados de Arrigo Sacchi, que assumiram a liderança para não mais sair. Era o primeiro título de Sacchi pelo Rossonero, o *Scudetto* de 1987-88.

Após o campeonato, Frank Rijkaard foi contratado e completou a trinca holandesa que marcou época no Milan. No ano seguinte, além da Supercopa Italiana (torneio que coloca frente a frente os ganhadores do Scudetto e da Coppa Italia) Arrigo Sacchi levou a equipe ao título da Liga dos Campeões 1988-89, então chamada de Copa Europeia.

Mais o que o título europeu, o que marcou o time de Van Basten e Cia aconteceu no dia 19 de abril de 1989, em Milão. Considerada uma das maiores exibições da história do futebol, o que ocorreu no Estádio San Siro é falado até os dias atuais.

Milan e Real Madrid se enfrentavam pela segunda partida da semifinal da Liga dos Campeões. No primeiro jogo, empate em 1 a 1. Para completar o clima, Gullit provocou os espanhóis, ao assegurar que o Real deixaria o San Siro sem palavras. Cinco gols depois e a classificação para a decisão assegurada, o time rubro-negro iniciaria um período de hegemonia no planeta bola com incrível disciplina tática e o talento de uma geração: final, 5 a 0.

Na decisão, nova goleada: 4 a 0, desta vez sobre o Steaua Bucareste, da Romênia. Arrigo Sacchi e seus comandados pintavam o Velho Continente de vermelho e preto pela terceira vez na história. Naquele ano, o Rossonero ainda conquistou a Supercopa Europeia e a Copa Intercontinental.

A temporada de 1989-90 foi similar à anterior. O Milan lutou rodada a rodada com o Napoli, mas não conseguiu conquistar o Campeonato Italiano. Porém, o Rossonero mostrou que tinha pedigree europeu. O clube de Berlusconi despachou seus adversários e conquistou o bicampeonato da Liga dos Campeões, derrotando o Benfica de Portugal na grande decisão. Apesar da conquista, o clima no San Siro já não era dos melhores. Por conta de motivos

desconhecidos pela mídia, a relação entre Sacchi e Van Basten caiu em desgraça e o técnico, que era cotado para assumir a seleção italiana, deixou o Rubro-Negro de Milão em 1991.²¹

Apesar da saída de Sacchi, o Milan continuou brilhando no cenário doméstico. Agora sob a batuta de Fabio Capello, a equipe conquistou três *scudetti* consecutivos, entre 1992 e 94. Comandado pelo trio de defesa formado por Franco Baresi, Alessandro Costacurta e Paolo Maldini, o time chegou à incrível marca de 58 partidas de invencibilidade no Campeonato Italiano, recorde que perdura até hoje na liga.

O Milan de Capello ainda chegou a três finais consecutivas de Liga dos Campeões: 1993, 94 e 95. Após derrota para o Olympique de Marseille na decisão de 1993, o Rossonero conquistou o título europeu em 1994. A vítima da vez foi o Barcelona, superado pelo expressivo placar de 4 a 0. Em 1995, o Ajax tirou o troféu de Milão.

Liderado por Roberto Baggio e George Weah, o Milan conquistou seu 15º título italiano em 1996, ano que marcou a saída de Capello e o fim da Era de Ouro rubro-negra.²² Apesar dos títulos e da eficácia da equipe, o time já não encantava como sob o comando de Arrigo Sacchi.

2.2 – Supremacia italiana na Europa

Além da grande fase vivida pelo Milan, outras equipes italianas também tiveram sua cota de sucesso nos anos de 1980. Entre 1989 e 1998, apenas uma final de Liga dos Campeões não contou com a presença de pelo menos um time do Belpaese, com a Sampdoria chegando a uma decisão, e a Juventus, a três, conquistando um título.

O sucesso italiano, no entanto, não ficou restrito apenas ao maior torneio de clubes da Europa. Os times da Velha Bota engataram uma sequência de nove finais em dez anos na Copa da UEFA, com oito títulos e quatro decisões exclusivamente entre esquadres do país.

Uma série de fatores ajudou a criar a hegemonia da Itália na Europa, que vigorou absoluta no continente até o início dos anos 2000. Recheado de craques, o Campeonato

²¹ Crise Interna do Milan. Fonte: La Repubblica. Disponível em <http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/1991/02/16/ultimatum-di-berlusconi.html> Acesso em 24 mai. 2013

²² Fonte: Site Oficial do Milan. Disponível <http://www.acmilan.com/en/club/history> Acesso em 24 mai. 2013

Italiano tinha a maior média de público entre as grandes ligas europeias (Alemanha e Inglaterra).²³

No país do Reino Unido, por exemplo, a média de torcedores em 1989 era de 20.553, contra 18.905 da Alemanha Ocidental, 10.211 da Alemanha Oriental. No topo, a Itália, com a marca de 29.454. A boa média italiana foi impulsionada pela remodelação das arenas antigas e construção de novos estádios no país, que estava às vésperas de receber a Copa do Mundo de 1990.

A Velha Bota se beneficiou também da Lei nº 91, de 23 de março de 1981, que regulamentou pela primeira vez, na Itália, a relação de trabalho entre o jogador de futebol profissional e a sociedade esportiva empregadora. Roberto Bentani, em estudo apresentado no mestrado de Giurisprudenza, da Università degli Studi di Bologna, ressalta o fato.

Segundo Bentani, ao tutelar os direitos e deveres dos jogadores profissionais, a Itália trouxe segurança jurídica, abriu caminho para outras conquistas na área e, o mais importante, proporcionou dignidade à profissão²⁴, ao abolir o chamado “*vincolo sportivo*”, o equivalente ao instituto do passe em terras brasileiras. A partir daí, o jogador de futebol deixou de ser considerado mercadoria, da qual o clube poderia dispor a bel-prazer.

A Lei 91/1981 foi de suma importância para o que se seguiria na Itália (CANDEIAS, 2000, p.22). Aliada à reabertura do mercado de transferências para os jogadores estrangeiros, afastados do país desde o fiasco na Copa do Mundo de 1966, a lei fez com que a profissão fosse valorizada e estimulou a chegada de craques na Velha Bota (MORAIS, 2001, p.99). A partir desse momento, o futebol italiano iniciava uma sequência de quebra de recordes de transferências.

Os repetidos sucessos fizeram com que demorasse 14 anos para que a Itália decidisse reabrir suas portas aos jogadores nascidos em outras partes do mundo. Uma década e meia de pressões dos clubes e resistência da federação. Os dirigentes das

²³ Público nos estádios alemães na década de 90. Fonte: European Football Statistics. Disponível em <http://european-football-statistics.co.uk/attn.htm> Acesso em 23 mai. 2013

²⁴ Il rapporto di lavoro del calciatore professionista, Roberto Bentani. Fonte: Tese de Mestrado de Roberto Bentani. Disponível em http://www.rdes.it/TESI_BENTANI.pdf Acesso em 20 agosto 2013

equipes participantes do Campeonato Nacional queriam clubes mais fortes, como acontecia antes do fechamento das fronteiras. Na primeira metade da década de 1960, antes do vexame contra a Coreia do Norte, os clubes iam bem nas competições europeias. O Milan foi campeão em 1963, a Internazionale foi bicampeã em 1964 e em 1965. Depois do fim das importações, nada de taças de clubes.¹ (COELHO, 2009, p.13 -14)

A lei também trouxe outras obrigações. Apesar de os clubes italianos já existirem sob a forma de sociedades anônimas desportivas sem fins lucrativos desde 1966 (CANDEIAS, 2000, p.20), essa opção era facultativa. Após a lei ter sido promulgada, os clubes que tivessem atletas profissionais foram obrigados a se transformar em sociedades desportivas, impossibilitadas de distribuírem lucros, que deviam ser utilizados apenas na esfera esportiva (CANDEIAS, 2000, p.22).

Silvio Berlusconi aproveitou que não foi definido limite quanto à quantidade de ações que um acionista poderia deter e tornou-se proprietário do Milan (MORAIS, 2001, p.99).

No entanto, os elevados interesses econômicos despertados pelo futebol forçaram a Itália a alterar a lei (CANDEIAS, 2000, p.24), para a Lei nº 586/1996, que eliminou a proibição de distribuir lucros aos acionistas (MORAIS, 2001, p.99).

A partir daí, magnatas de todos os setores da economia decidiram investir no esporte mais apaixonante do planeta, gastando recursos para adquirir exposição na mídia, status social e influência política.

Os primeiros clubes italianos a entrar na Bolsa de Valores foram a Lazio, em 1998, a Juventus, em 2001, e a Roma, em 2002.

Impactos dessa novidade ressoaram pelo mundo. As equipes da Velha Bota quebraram o recorde de transferências três vezes em quatro anos após a promulgação da lei de 1996. Além disso, os clubes italianos considerados inferiores gastaram fortunas em contratações. Na Lazio, o empresário Sergio Cragnotti foi o catalisador das mudanças. O time romano gastou rios de dinheiro contratando o atacante argentino Hernán Crespo, que estava no Parma, por 55 milhões de euros. Além de Crespo, a equipe de Cragnotti desembolsou 48 milhões de euros para tirar o meio-campista espanhol Gaizka Mendieta do Valencia, da

Espanha. Na Fiorentina, o patrono era o político e produtor italiano Vittorio Cecchi Gori, que levou astros como o argentino Gabriel Batistuta para o clube.²⁵

Além da Lazio, Internazionale e Juventus também foram às compras. A equipe de Milão quebrou o recorde de transferências com a compra do centroavante Christian Vieri, em 1999, pela exorbitante quantia de 45 milhões de euros. A Velha Senhora não deixou barato e desembolsou 54,2 milhões de euros pelo goleiro Gianluigi Buffon, que estava no Parma. O resultado foi imediato. Os Campeonatos Italianos de 1998, 1999 e 2000 tiveram médias de público de 30.841, 29.908 e 29.598, respectivamente.²⁶

Entretanto, a queda estava por vir. Após o título da Copa da UEFA de 1999 conquistado pelo Parma, nenhum outro clube italiano sequer chegou à final do torneio. Na Liga dos Campeões, um pequeno alento: desde 1999, quatro finais e dois títulos. Pouco para o país que se acostumou com a glória, o glamour e a admiração de um continente.

²⁵Transferência Batistuta. Disponível em <http://www.transfermarkt.co.uk/> Acesso em 20 mai. 2013

²⁶ Público nos estádios italianos entre 1998 e 2000. Fonte: European Football Statistics Disponível <http://european-football-statistics.co.uk/attn.htm> Acesso em 23 mai. 2013

3 - ANTIQUADO, CORRUPTO E VIOLENTO – O FIM DO IMPÉRIO

Em outubro de 2012, o vice-presidente do Milan, Adriano Galliani, comparou Silvio Berlusconi a James Bond, por conta de sua onipresença no Rubro-Negro.²⁷ Porém, nem mesmo o agente especial 007 seria capaz de evitar a crise, que assolou não só o Rossonero como toda a Itália, nos anos 2000. Uma conjuntura de fatores contribuiu para o desaparecimento gradativo dos clubes da Velha Bota no cenário continental.

Corrupção, violência, estádios obsoletos e sem reformas desde a Copa do Mundo de 1990. Todos esses problemas contribuíram para que a Itália fosse, em 2011, ultrapassada pela Alemanha no ranking de coeficiente da UEFA, o que resultou na perda de uma vaga na Liga dos Campeões para os clubes alemães.

Desde 1992, quando a Premier League inglesa foi criada, a Itália vem perdendo espaço gradativamente. No entanto, a falta de um plano de modernização que acompanhasse o crescimento europeu pode ser considerada uma das principais razões para a queda italiana. Enquanto Inglaterra e Alemanha se modernizavam, a Velha Bota continuou com o adjetivo pelo qual o país é carinhosamente chamado: velho.

A média de público do Campeonato Italiano vem caindo de forma drástica desde o início dos anos 2000, tendo, em 2007, sua pior marca dos últimos 30 anos: 18.473.²⁸ Dois problemas enfrentados pela Itália explicam a pobre média de pouco mais de 18 mil pessoas. O primeiro deles é a máfia de manipulação de resultados.

Nos últimos anos, a Serie A italiana foi bombardeada com escândalos de manipulação de resultados, que acabaram destruindo a credibilidade do campeonato. O último, ocorrido em 2011, envolveu figuras como o técnico da Juventus, Antonio Conte, e o jogador Domenico Criscito, excluído da Eurocopa 2012 como consequência. O treinador da equipe de Turim recebeu uma suspensão para ficar afastado do futebol por dez meses, posteriormente reduzida para quatro.

²⁷ "Berlusconi come James Bond non è mai andato via". Gazzetta dello Sport, 18 de outubro de 2012

²⁸ Público nos estádios italianos nos anos 2000. Fonte: European Football Statistics Disponível em <http://european-football-statistics.co.uk/attn.htm> Acesso em 23 agosto, 2013

No entanto, nenhum escândalo manchou tanto a reputação do futebol italiano quanto o revelado em 2006, envolvendo times como a então campeã nacional, Juventus, e o gigante Milan.

3.1 - Corrupção: o outro esporte italiano

Além do glamour que o calcio italiano já ofereceu ao mundo, grandes manchas foram marcadas no futebol do país, no que consiste em escândalos de corrupção e armação de resultados. Desde os velhos tempos, a nação sempre foi vítima desse problema, que vem matando gradativamente a beleza do espetáculo que um dia já foi a Serie A.

Em 1980, era noticiado ao vivo, durante o 90º Minuto, programa de grande audiência da RAI (TV estatal italiana), o maior esquema de armação de resultados em partidas da Serie A e B até aquele momento no futebol da Velha Bota, conhecido como o *Totonero*. A fraude consistia na aposta de alguns atletas em resultados de partidas em que eles próprios participariam. A polêmica, no entanto, só alcançou dimensões relevantes no primeiro dia de março daquele ano, quando o hortifrutigranjeiro romano Massimo Cruciani, frustrado com a perda de uma quantia equivalente hoje a centenas de milhares de euros por conta de algumas previsões erradas de resultados previamente combinados por estes jogadores, deu queixa da manipulação à Procuradoria da República.

Após a investigação de sete clubes, no dia 23 do mesmo mês, depois do término da 24ª rodada da primeira divisão, às 17h, oficiais da Polícia e da Guarda da Finança (polícia especial italiana subordinada ao ministro de Economia e Finanças) entraram com algemas em vestiários do país para cumprir ordem de prisão. Entre os acusados estavam figuras ilustres, como o atacante do Perugia, Paolo Rossi. Foram ao todo treze jogadores detidos: Pellegrini (Avellino), Girardi (Genoa), Cacciatori, Giordano, Manfredonia, Wilson (Lazio), Merlo (Lecce), Albertosi, Morini (Milan), Magherini (Palermo), Casarsa, Della Martira e Zecchini (Perugia). Além dos intimados Dossena, Savoldi (Bologna) e Damiani (Napoli).

A cena chocou os italianos e o país vivia um clima de incredulidade. A investigação resultou no rebaixamento de Milan e Lazio para a Série B da temporada 1980/81, enquanto Avellino, Bologna, Perugia, Palermo e Taranto começaram os campeonatos do ano seguinte com dedução de cinco pontos na tabela do Campeonato Italiano. O presidente do Milan na época, Felice Colombo, acabou suspenso do futebol até o fim da vida. Além de alguns

jogadores, que foram punidos de seis anos, caso de Pelleguini, do Avellino, a três meses, como Colomba, do Bologna, e Damiani, do Napoli.

Porém, com a falta de um processo judicial subsequente e uma sustentação de fatos, a maioria dos protagonistas acabou sendo considerada inocente e o título na Copa de 82, com as presenças de Giornado e Rossi, que foram liberados do cárcere temporário, serviu como borracha para o ocorrido. Paolo Rossi, inclusive, chegou a marcar os três gols na vitória da Squadra Azzurra por 3 a 2 sobre o Brasil, no Mundial.

Se nos anos 1980 a fraude esportiva não era considerada um crime, em 2006, quando a Itália viveria um novo golpe capaz de atingir o entusiasmo dos maiores fãs do Campeonato Italiano, mesmo sem algemas em campo, a credibilidade do esporte no país foi afetada profundamente. Só que dessa vez não houve borracha forte o bastante para apagar. O escândalo, considerado por muitos o catalisador da crise do futebol da Velha Bota, tem nome: *Calciopoli*.

A Itália tinha acabado de ser campeã na Copa do Mundo da Alemanha, quando o escândalo, também chamado de *Moggiopoli ou Calciocaos*, veio à tona poucas semanas antes do final da Serie A 2005/06, vencida pela Juventus e depois homologada à Inter. Mais um grande esquema de manipulação de resultados era revelado. Dessa vez, tratava-se de uma armação, que; através de pressão e influência de dirigentes das equipes envolvidas, por meio de telefonemas e relacionamento constante com chefes da comissão de arbitragem; condicionavam os resultados das partidas. Conversas reveladas através de escutas telefônicas mostravam que os cartolas obtinham informações privilegiadas sobre quais árbitros seriam escalados e como seriam suas atuações.

Foram mais de 30 mil ligações interceptadas nas investigações, e todas apontavam o diretor geral da Juventus, Luciano Moggi, como o grande mentor do esquema, principalmente porque clube era o mais beneficiado – o time de Turim liderava. Além dele, estavam envolvidos o vice-presidente e diretor executivo do Milan, Adriano Galliani; o colaborador para assuntos de arbitragem do *Rossonero*, Leonardo Meani; os patronos da Fiorentina Diego e Andrea Della Valle; o presidente da Lazio, Claudio Lotito; e o presidente da Reggina, Pasquale Foti. A lista também incluía grandes jogadores como Gianluigi Buffon e Enzo Maresca.

Meani: Quem você vai mandar para Florença?

Bergamo(Chefe de arbitragem): Para o sorteio? Você diz para o sorteio de árbitros? Fizemos isso a três mãos, mas veja que me faz confessar uma coisa sobre a qual eu e Gigi [Paiaretto] ainda não concordamos. Tenho em mente mandar três, porque não quero problemas, e, para mim, serão Messina, Farina e Rodomonti, depois veremos com Gigi, pois você pode imaginar quais são os três que quero colocar no próximo domingo [jogo contra a Juventus].

Meani: Entendo. Você quer colocar Paparesta.

Bergamo: Sim.

Meani: Collina.

Bergamo: Sim.

Meani: Trefoloni.

Bergamo: Sim, aposto minha cabeça.

Meani: Mas, para Trefoloni, faça um um belo discurso.

Bergamo: Fique tranquilo.

Meani: Do contrário, vamos cortar a cabeça deles.

Bergamo: Fique tranquilo.

Meani: Chame-o e fale com ele.²⁹

As punições para o escândalo foram severas e até hoje ainda repercutem. Muitos árbitros e dirigentes foram suspensos, multas pesadas foram impostas e sanções esportivas, que marcariam para sempre a mancha no *calcio*, foram dadas. A maior delas foi a perda de dois scudetti (2004/05 e 2005/06) e o rebaixamento à Série B da Juventus, então bicampeã. O Milan, a Fiorentina e a Lazio, respectivos, segundo, quarto e sexto colocados, perderam pontos na classificação final da temporada. Assim, o clube de Milão terminou a edição com a vaga para as preliminares da Liga dos Campeões, em quarto, enquanto o time de Toscana e da

²⁹ Fonte: Quattro Tratti Disponível em <http://www.quattrotratti.com/2010/04/calciopoli-parte-dois-mais-um-escandalo.html> Acesso em 05 . 20 fev. 2013

capital ficaram em nono e décimo, dando adeus às vagas da *Champions League* e da Copa da UEFA, respectivamente. Para a temporada seguinte, todos os times envolvidos perderam pontos: nove para a Juventus na segunda divisão, três para a Lazio, oito para o Milan, 11 para a Reggina e 15 para a Fiorentina.

Em meio a tantas punições, um clube acabaria se tornando o maior beneficiado. Além do Messina, que, rebaixado para a Série B dentro de campo, foi repescado para voltar à elite, a Inter de Milão terminaria a temporada salva pelo gongo e com o scudetto de 2005/06 nas mãos - o título da temporada anterior não foi dado a ninguém. A *Nerazzurri*³⁰ não vencia um campeonato nacional havia 17 anos, e este seria o primeiro de uma série de conquistas que salvaria a Inter e impediria a venda da instituição, anunciada em abril daquele ano por Massimo Moratti. Foram quatro Campeonatos Italianos, três Copas da Itália, uma Liga dos Campeões e quatro Supercopas Italianas.

A fraude foi suficiente para provocar uma evasão de mais de 30 atletas, com nível de Copa do Mundo, incluindo o vencedor da Bola de Ouro de 2006 e capitão italiano Fabio Cannavaro, que se transferiu para o Real Madrid. Ademais, o ex-defensor e dirigente da Juventus à época do escândalo, Gianluca Pessotto, apesar de não estar envolvido na trama, tentou suicídio ao saltar do quarto andar da sede da equipe em Turim, mas sobreviveu sem seqüelas.³¹

No entanto, a pior mancha da história do esporte italiano foi agravada pelas revelações que se seguiram. Em 2009, a Inter de Milão, única equipe entre as grandes a não receber punição, foi colocada em xeque quando se descobriu que o número de interceptações telefônicas não era de 30 mil, mas, na verdade, de 171 mil. Nelas, havia diálogos entre o já falecido Giacinto Facchetti, ex-presidente da Inter, e um dos chefes de árbitros da época, Paolo Bergamo, horas antes da vitória da Inter sobre a Sampdoria, no dia nove de janeiro de 2005, em que, após estar perdendo o jogo por 2 a 0 até os 38 minutos do segundo tempo, a *Nerazzurri* virou para 3 a 2.

Facchetti: Pronto, Paolo, quem fala é Facchetti.

³⁰Azul e Preto em italiano, cores da Internazionale, e também como o clube é conhecido

³¹ Tentativa de suicídio de Gianluca Pessotto Disponível em <http://www.guardian.co.uk/football/2006/jun/28/worldcup2006.sport15> Acesso em 22 fev. 2013

Bergamo: Bom dia, Giacinto.

Facchetti: Estou indo ao estádio e disse aos meus para ter um certo tato com Bertini, [o árbitro] uma certa disponibilidade. Falei com os jogadores, com [Roberto] Mancini e com os outros.

Bergamo: Vai ser um belo jogo, você verá.

Facchetti: Tudo bem.

Bergamo: Ele [Bertini] vem predisposto a fazer um bom jogo.

Facchetti: Sim, sim, tudo bem.

Bergamo: Verá que vamos vencer este desafio juntos.

Facchetti: Só queria lhe dizer que eu fiz [instruir os jogadores quanto ao comportamento].

Bergamo: Você verá que as coisas vão ser feitas da forma certa. E, depois, a equipe está recomeçando a ter confiança, a fazer resultados, isto dá moral.³²

Era triste para o futebol italiano saber que não havia inocentes. A Internazionale sequer foi punida e, em 2011, o Comitê Executivo da Federação Italiana Gioco Calcio (FIGC) manteve o clube como o campeão daquela temporada. Dos vinte e três votantes, apenas um foi a favor da perda do título. Mesmo assim, a conquista e a sequência de canecos que se seguiria já estavam manchados. O Campeonato de 2006 foi apelidado de Scudetto da Vergonha e encerrava-se ali para muitos italianos uma paixão e crença no esporte.

Desde então, não é raro ver novas acusações e investigações rondando o futebol do *Belpaese*. Em 2011, um novo escândalo envolvendo fraude em apostas foi revelado, só que, desta vez, na segunda divisão e nas categorias inferiores. Foram punidos dezoito clubes (dois da Série A) e dezenove pessoas, entre elas, o meia-atacante Cristiano Doni, capitão da Atalanta, que, sob a hipótese de aceitar suborno, foi punido por três anos e meio. Seu clube

³² Disponível em <http://www.quattrotratti.com/2010/04/calciopoli-parte-dois-mais-um-escandalo.html> Acesso em 20 fev. 2013

acabou perdendo seis pontos para o campeonato seguinte. Já o Chievo, o outro time da primeira divisão que estava envolvido, chegou a um acordo na justiça esportiva e pagou uma multa de 80 mil euros, por “responsabilidade objetiva”, já que alguns de seus jogadores participavam das armações, mas o clube não estava envolvido efetivamente.

Outro caso, dessa vez em 2011, foi admitido por Andrea Masiello no ano seguinte. O zagueiro confessou, após ser preso, que marcou um gol contra proposital quando defendia o já rebaixado Bari no clássico contra o Lecce, que, com a vitória por 2 a 0, evitou a queda à segunda divisão.

O mais recente escândalo italiano, no entanto, foi descoberto em maio de 2012, em que dezenove jogadores, entre eles o capitão da Lazio, Stefano Mauri, foram detidos por conta de mais uma manipulação de partidas a favor de apostas. A farsa atingiu até mesmo a seleção italiana, que se preparava para a Eurocopa e teve que cortar o lateral-esquerdo Domenico Criscito dos convocados.

Esses são apenas alguns dos inúmeros casos que ocorrem no futebol italiano e que, a cada dia, contribuem para denegrir a fama do esporte no país, já fortemente abalado pela prática que vem se tornando comum na Itália, em que torcedores preferem brigar a assistir seu time do coração.

3.2 – Os Ultras Atacam

Adicionado a isto, a violência afastou a população dos estádios. Para o jornalista Michael Knapp, *do Sunday Express*, “o futebol italiano é dominado pelo hooliganismo por 25 anos”. Em 2007, o número de policiais feridos em jogos de futebol na Itália aumentou 42% em relação ao ano anterior, chegando a 202.

Em 2001, uma motocicleta em chamas foi arremessada das arquibancadas do Estádio San Siro. Quatro anos depois, a segurança do mesmo estádio não conseguiu evitar a chuva de garrafas e foguetes no gramado. A Internazionale foi punida e teve de jogar todos os seus jogos da Liga dos Campeões daquele ano com os portões fechados.

Os incidentes motivaram a criação de uma nova lei, que tentou desencorajar os atos violentos dos *Ultras* (grupos de torcedores hooligans³³), chamado de *Decreto Pisanu* (em

³³ Atos de vandalismo, geralmente associado a fãs de esportes, principalmente o futebol.

homenagem ao antigo Ministro do Interior Giuseppe Pisanu). A lei decretou que os clubes deveriam se responsabilizar pela a segurança do estádio, exigindo que o nome dos torcedores estivesse impresso nos ingressos. Porém, poucos clubes cumpriram as novas exigências.

Apesar da nova legislação, pequenos incidentes continuavam ocorrendo, e foi se tornando cada vez mais perigoso ir a uma partida. Contudo, quase nenhuma catástrofe atingiu tanto o futebol italiano quanto a ocorrida em fevereiro de 2007.

No início do ano em questão, o presidente da Federação Italiana de Futebol, Luca Pancalli, ameaçou paralisar as partidas em caso de um novo incidente. Pouco depois, em um dos clássicos mais violentos do país – o *Derby di Sicilia* – envolvendo Palermo e Catania, cenas lamentáveis foram protagonizadas.

Na partida do dia 2 de fevereiro de 2007, os torcedores do Palermo chegaram apenas quando o jogo já estava no segundo tempo, mas o placar ainda marcava 0 a 0. Logo após o gol de Andrea Caracciolo, o primeiro incidente. Brigas nas arquibancadas fizeram com que a partida fosse paralisada por 30 minutos.³⁴

No retorno ao gramado, Fabio Caserta empatou quase que imediatamente, mas David Di Michele marcou aos 38 minutos para dar a vitória ao Palermo. O que ocorreu depois foi narrado pelo jornalista do Guardian, James Richardson:

O que aconteceu foi uma verdadeira emboscada. Quando a polícia chegou para escoltar os torcedores do Palermo, os Ultras atacaram utilizando quase 100 bombas caseiras contrabandeadas para dentro do estádio, aparentemente com a ajuda de alguém. Pias quebradas e canos também foram utilizados para ferir os policiais. Um membro da polícia quase perdeu a vida, enquanto outro não foi tão feliz.³⁵

Filippo Raciti, de 38 anos, foi atingido por uma pia quebrada e por bombas arremessadas pelos Ultras. O policial foi levado ao hospital às pressas, mas não resistiu e

³⁴ Disponível em http://soccer.net.espn.go.com/columns/story/_/id/1013201/rewind-to-2007:-calcio-closed-after-catania-riot?cc=3888 Acesso em 25 mai. 2013

³⁵ *Ibidem*

faleceu, deixando toda a Itália se perguntando se o futebol nacional, já abalado pela manipulação de resultados, também estaria morrendo.

O presidente do Catania, Pietro Lo Monaco, reagiu à notícia da morte do policial anunciando sua saída do futebol (apesar de ter decidido continuar em seu cargo posteriormente). “Eu fiquei sabendo que um policial morreu. Falar de futebol agora parece inútil. Para mim, é o fim. Eu vou deixar o mundo do futebol. Eu não reconheço esse mundo mais. Eu amei o esporte intensamente, mas isso é um absurdo”.³⁶

O Primeiro Ministro italiano, Romano Prodi, também divulgou uma nota.

Depois dos sérios incidentes que ocorreram esta noite em Catania, meu primeiro pensamento vai para as pessoas que foram afetadas e suas famílias. Eu sinto um dever de dizer que nós precisamos de um sinal claro e forte para evitar a degeneração desse esporte, que estamos vendo cada vez mais dramática e mais frequente.³⁷

Após o incidente, a Federação Italiana de Futebol suspendeu todos os jogos, tanto as partidas domésticas, quanto as internacionais, com destaque para o amistoso entre as seleções da Itália e da Romênia.

Apesar de o campeonato ter sido reiniciado na semana seguinte, os estádios foram obrigados a instalar novas medidas de segurança, que incluíam o uso de cadeiras numeradas, catracas eletrônicas e vigilância por meio de câmeras. Apenas quatro estádios (Olímpico, Estádio Barbera, Olímpico de Turim e o Artemio Franch) estavam de acordo com as novas regras. Enquanto não se adequaram, o restante dos times foi forçado a jogar com portões fechados.³⁸

³⁶ Fonte: ESPN Internacional Disponível em http://soccer.net.espn.go.com/columns/story/_/id/1013201/rewind-to-2007:-calcio-closed-after-catania-riot?cc=3888 Acesso em 25 mai. 2013

³⁷ Ibidem

³⁸ Fonte: ESPN Internacional Disponível em http://soccer.net.espn.go.com/columns/story/_/id/1013201/rewind-to-2007:-calcio-closed-after-catania-riot?cc=3888 Acesso em 25 mai. 2013

Além das novidades nos estádios, a nova legislação também incluiu punições mais severas aos Ultras e a proibição de relações financeiras ou trabalhistas entre clubes e torcidas organizadas.

Palco das atrocidades, o Stadio Massimino não reabriu as portas ao público novamente até o dia 2 de setembro de 2007, quando, após passar por reformas para adequar o estádio às novas normas de segurança, sediou a partida entre Catania e Genoa. A viúva de Raciti compareceu ao jogo e um minuto de silêncio foi respeitado antes do apito inicial. Entretanto, se Raciti estivesse vivo, dificilmente teria assistido à partida. Um colega do ex-policia comentou: “Filippo não amava mais o futebol porque esses imbecis (Ultras) destruíram todo o entusiasmo que ele tinha pelo jogo.

3.3 – Ultrapassados e Abandonados – A Sina dos Estádios Italianos

Aliado à violência, o principal motivo para a queda de público no Campeonato Italiano é a falta de estádios modernos. Embora os estádios tivessem passado por uma adequação em 2007, ainda estavam longe de serem considerados atuais.

Líder de lucro entre os times europeus em 2007, segundo estudo da Consultoria Deloitte, o Real Madrid, por exemplo, tirou 23% de sua receita, ou 82.2 milhões de euros, por meio de jogos e eventos realizados no estádio Santiago Bernabéu. Isso só foi possível porque o clube investiu de forma significativa no desenvolvimento do Bernabéu, fato chave no crescimento de 41% (24 milhões de euros) no dinheiro gerado em dias de jogos.

O Manchester United, segundo clube da lista da Deloitte, comprova ainda mais a importância dos estádios para as equipes. O time inglês teve a significativa fatia de 44% (137.5 milhões de euros) de seus lucros apenas na realização de partidas em seu estádio, o Old Trafford, que de velho não tem nada. O local havia sido ampliado na temporada 2006/07, o que significou a adição de mais 8 mil lugares, totalizando 76 mil cadeiras no estádio. No ano, o clube jogou um total de 29 partidas no Old Trafford e gerou um lucro recorde no quesito, com receita média de 4.7 milhões de euros em cada jogo em casa.

O primeiro clube italiano a aparecer na lista dos mais ricos do mundo foi o Milan, em sexto, com 227.2 milhões de euros de lucro. A fatia de receita tirada por meio de jogos e eventos realizados no estádio San Siro foi de apenas 28.6 milhões de euros, realçando a

urgente necessidade de reformas do local. O número de torcedores que compraram ingressos para toda a temporada também caiu drasticamente em dois anos: de 2004/05 para 2006/07 a venda foi reduzida de 52.500 para 37.500.

O relatório da Deloitte também frisou que a decisão da Lega Calcio de voltar a comercializar os acordos televisivos da Serie A coletivamente, o que significa em uma redução da verba paga aos maiores times do país, é um alerta a mais para o Milan modernizar seu estádio e conseguir voltar a brigar por uma vaga no Top 5 de clubes mais ricos do mundo.

Segundo números do estudo da Consultoria Deloitte em 2006/07, mais de 15% dos lucros dos times ingleses foram gastos posteriormente na melhoria de seus estádios, fato que não ocorre entre os clubes italianos.

Único clube dono de seu próprio estádio na Serie A italiana, a Juventus, que inaugurou o Juventus Stadium em 2011, foi o primeiro time a perceber o problema e agir em relação a isso. A Juve, apelido pelo qual a equipe é chamada, gastou cerca de R\$ 318,5 milhões para construir o estádio. Muito pouco para uma arena levantada do zero.

O antigo estádio, Delle Alpi, era alvo constante de críticas. Apesar da maior capacidade – 67 mil contra os 47 mil assentos atuais -, a distância provocada pela pista de atletismo nunca foi aceita pelos torcedores e a média de público nunca agradou à diretoria do maior clube da Itália.

Segundo Giulianotti (2010), a primeira atitude das equipes inglesas foi trazer os torcedores para mais perto do campo. “(...) a primeira medida adotada por todos os clubes foi tirar as cercas. (...) essa medida arquitetônica representou o começo do “estádio pós-moderno” no Reino Unido” (GIULIANOTTI, 2010).

No entanto, na nova arena, os torcedores acompanham a Juve de pertinho. A fileira mais próxima do gramado fica a apenas 7,5 metros da linha de fundo, enquanto a mais distante a insignificantes 49 metros. Além do fator diferencial para o torcedor acompanhar seu time do coração no estádio, a temporada de estreia do Juventus Stadium foi perfeita, com a conquista do Campeonato Italiano de forma invicta.

As inovações, porém, não pararam por aí. O estádio também conta com um museu do clube. Com tour que dura em média 40 minutos e custa cerca de R\$ 27, o local conta com uma moderna e aconchegante sala de troféus, e um interessante espaço ocupado por totens,

que contam de forma objetiva a história da Juventus, desde a fundação, em 1º de novembro de 1897³⁹, até os dias atuais.

Além da questão dos estádios, a Itália também sofre com a falta de uma legislação que diminua os impostos e, conseqüentemente, apóie a chegada de jogadores estrangeiros ao país. A Espanha, por exemplo, faz uso da “*Lei Beckham*”.⁴⁰ Do lado oposto, a Velha Bota, inclusive, chegou a aumentar os impostos em 2011, fato que gerou insatisfação e uma semana de greve dos jogadores. Pouco depois, o governo italiano atendeu aos pedidos dos atletas e aboliu a criação da chamada taxa de solidariedade, que mexeria diretamente no bolso dos profissionais.

Todos os problemas enfrentados pela Itália começaram a fazer um efeito significativo na temporada 2006/07. O mercado europeu futebolístico teve receita de 13.6 bilhões de euros em 2006/07, um bilhão a mais do que na temporada anterior (Deloitte). Apesar disso, a Serie A italiana sofreu uma redução de 236 milhões de euros no lucro anual, principalmente pela queda da Juventus para a Serie B. Já longe de ser o líder em receitas, o Campeonato Italiano perdeu a segunda colocação para a Alemanha em 2006/07, fato que começaria a se tornar habitual para a Velha Bota.

³⁹ Disponível em <http://www.juventus.com/juve/en/club/juventus%20in%20breve/01-la%20storia%20di%20una%20legenda> Acesso em 25 mar. 2013

⁴⁰ Lei 687/2005, que permitiu a estrangeiros, nos primeiros seis anos na Espanha, pagarem o imposto de renda sobre não residentes (IRNR), em vez do imposto de renda sobre pessoas físicas (IRPF). Como a alíquota do IRNR é menor, esses trabalhadores pagam menos imposto para o governo. A lei recebe este nome, pois o astro inglês David Beckham foi o primeiro beneficiado pela introdução desta regulamentação, quando chegou ao Real Madrid.

4 - A FÊNIX ALEMÃ

Visto isso, não é de se estranhar que a Bundesliga tenha ultrapassado a Serie A, nos três quesitos: público, mercado e renda. Porém, o que fez o futebol alemão se tornar a nova potência mundial e disputar uma final da Liga dos Campeões com dois times do país⁴¹? Aprender com os erros do passado.

A resposta encontra-se na academia alemã, de onde vieram grandes nomes do mercado europeu: Mario Götze , Marco Reus e Nuri Sahin, Philipp Lahm , Bastian Schweinsteiger , David Alaba, Thomas Müller e Robben. Mesmo o Bayern de Munique, que investiu bem na temporada, eliminou o Barcelona na semifinal da Liga, vencendo os dois jogos (4x0 e 3x0), com quatro de seus próprios “produtos” , formados no clube⁴².

O futebol alemão investiu pesado na juventude após o fracasso da Euro 2000. Aliado à tentativa (bem sucedida) de desenvolver a sua própria academia, têm-se uma mudança estrutural do Campeonato Alemão, que passou a ser paralisado no ápice do inverno, assim como a instauração de uma nova maneira de gerir os clubes, como modelo de empresas, e novos contratos com patrocinadores e televisão, além de uma melhor infraestrutura proporcionada pela Copa do Mundo de 2006. Fatores esses que valorizaram a competição do país e mudaram a mentalidade do torcedor alemão, tornando a Bundesliga o melhor lugar para se assistir a uma boa partida de futebol.

4.1- De fracasso à sensação mundial em uma década

Uma profunda transformação marcou o futebol alemão desde o fracasso da Eurocopa de 2000 até a Eurocopa 2012, em que a Alemanha era uma das candidatas ao título. O que ocorreu no país foi uma valorização da base e dos novos possíveis craques. Se em 2000, a Alemanha foi eliminada vexaminosamente logo na fase de grupos, com apenas um ponto e um gol; na última Euro, o país terminou a fase de grupos em primeiro, invicto, mas acabou perdendo na semifinal e conquistou o terceiro lugar em cima de Portugal. Uma transformação: a média de idade da seleção alemã em 2000 era de 29,8 anos, enquanto em 2012, com uma Alemanha reformulada, a média caiu para 24,8. Diferentemente, a Itália convive com um envelhecimento de sua seleção, que não renova.

⁴¹ Na Liga dos Campeões de 2012/13, Borussia Dortmund e Bayern de Munique disputaram o título, que foi vencido pelos bávaros por 2 a 1.

⁴² Philipp Lahm , Bastian Schweinsteiger , David Alaba e Thomas Müller marcaram os gols do Bayern.

Esta transformação começou nos clubes alemães, que vêm ganhando cada vez mais adeptos fora de seu país, competindo pela preferência dos apaixonados pelo futebol com clubes como o Barcelona de Messi, o Real Madrid de Cristiano Ronaldo e o Manchester United de Rooney. Diferentemente da maioria dos times europeus, os alemães apresentam características bem distintas.

Na década passada, nenhum clube teve a licença concedida a menos que sua academia pudesse atender aos padrões exigidos, o que envolvia um investimento mínimo de £ 600 milhões no desenvolvimento de suas categorias de base. Além de encontrar as jovens promessas era preciso trabalhá-las e lapidá-las. "O mais importante, os jovens alemães (jogadores de 19 e 20) têm chance na equipe principal ", disse o manager⁴³ de futebol do Brentford⁴⁴, o alemão Uwe Rösler sobre os sistema alemão." Para ele, o modelo funciona melhor, já que na Inglaterra, por exemplo, os clubes acabam perdendo o controle de seus garotos de 18 e 19 anos, que ficam, muitas vezes, bloqueados pelos jogadores estrangeiros medianos.

Foi exatamente esse modelo que fez a Bundesliga recuperar o atraso financeiro. Desenvolver os jovens jogadores e importar apenas os jogadores estrangeiros considerados de alto rendimento. Ainda com potencial para ser mais explorado, o Campeonato Alemão revelou receita recorde de £ 1,75 bilhão, atrás, por pouco, do lucro inglês.

Este rendimento financeiro nasce a partir de uma gestão de clubes-empresa, no modelo Manchester United, onde a alianças com uma série de outras empresas, ao contrário de se prenderem a um único parceiro – como o caso Brasileiro mais gritante, Fluminense e Unimed-Rio - fazem a base do negócio e geram grandes receitas de patrocínio, publicidade e merchandising. As atividades comerciais são responsáveis por 55 por cento do volume de negócios no Bayern de Munique, de 53 por cento no Schalke e 51 por cento em Dortmund. Compare isso com 27 por cento no Chelsea, de 22 por cento no Arsenal e apenas 15 por cento no Newcastle.

Outro fator fundamental para o sucesso da nova gestão foi a aversão tradicional alemã à dívida, o que impossibilita o endividamento e más administrações. Os clubes

⁴³ No modelo de clube-empresa, os diretores de futebol, acabam atuando como verdadeiros manager, ou seja, gestor em assuntos relacionados à economia e administração de empresas

⁴⁴ Clube da Inglaterra, atualmente, disputa a segunda divisão do Campeonato Inglês

fornecem à Federação Alemã todas as documentações e contratos, além de terem que ter seus orçamentos aprovados bancariamente. Dessa maneira, apesar de não poderem comprar os melhores jogadores do mundo, eles investiram em infraestrutura, tornando-se um modelo financeiramente saudável, com jovens jogadores alemães e poucos estrangeiros nos times. Um modelo propenso a chamar a atenção de investidores, ou seja, mais renda.

Antes mesmo de ter um futebol competitivo com os demais campeonatos europeus, a Bundesliga já caminhava para ser o melhor lugar para assistir ao futebol. Com preço médio do bilhete mais barato sendo £ 10, os estádios, diferentemente dos italianos, passaram por uma profunda renovação e transformação devido a Copa de 2006. Ver o jogo *in loco* se tornou uma prática comum de entretenimento, comparada ao teatro ou cinema, o que fez com que mesmo tendo todos os jogos da primeira e segunda divisão serem televisionados, os torcedores ainda lotam estádio e preferem a experiência dos estádios, fazendo da Bundesliga a maior média de público disparada da Europa. "Dortmund é um clube especial, a base de fãs é fenomenal", disse o manager de futebol do Aston Villa, Paul Lambert, que venceu a Liga dos Campeões com o clube em 1997, sobre a atmosfera inigualável dos estádios alemães.

Os clubes alemães também inovaram com um modelo único e diferenciado de gestão e relacionamento com o torcedor, tratando-o como seu cliente como exemplifica-se na regra dos 50+1, que afirma que pelo menos metade das ações de um clube deve ser de propriedade de seus apoiantes/sócio-torcedores. Desta maneira, o apoiador é visto como um participante ao invés de um mero cliente pagante. Outra consequência da regra é que os clubes são democraticamente eleitos de uma forma que seria impensável não só no modelo de gestão dos clubes brasileiros, como dos clubes ingleses. A relação entre o clube e os fãs é, portanto, semelhante à que existe entre uma empresa e seus acionistas, onde o eleito segue às regras de um conselho popular .

Enquanto os os managers ingleses desfrutam de um status quase patriarcal, mesmo nesta época de cheques-proprietários, na Alemanha, as “dinastias” são construídas em cima, muitas vezes, de ex-jogadores em seu núcleo. No Bayern, por exemplo, os ex-jogadores Uli Hoeness , Karl- Heinz Rummenigge e Matthias Sammer sentam à mesa do conselho, enquanto o maior jogador alemão da história, Franz Beckenbauer é presidente honorário do clube.

A Bundesliga criou uma fórmula para o sucesso que passa também pela distribuição da renda obtida dos direitos televisivos. Na La Liga⁴⁵, os campeões recebem numa proporção de 12:1, com Barcelona e Real Madrid autorizados a venderem separadamente seus direitos, e, portanto, sendo capazes de monopolizar uma grande fatia do mercado, o que acaba se refletindo nos títulos, 25 das últimas 29 taças foram levantadas pela dupla espanhola. O mesmo não ocorre na Bundesliga, onde os campeões recebem o dobro que as demais equipes. Desta maneira, o Campeonato Alemão tem sido tradicionalmente uma competição mais aberta. Apesar disto, com as gestões bem sucedidas das duas melhores equipes da Alemanha, Dortmund e Bayern, o jornalista alemão Hartmut Scherzer identifica o perigo da Bundesliga seguir da mesma forma como a La Liga. " O velho slogan da Bundesliga era de que qualquer equipe poderia vencer qualquer equipe. Isso pode não vir a existir mais, já que só o Bayern compra os melhores jogadores", ponderou Scherzer.

4.2 - E a vaga é da... Alemanha!

Líder inquestionável quando o assunto é receita, o Campeonato Inglês assistiu de camarote outra liga tomar a segunda colocação no quesito na temporada 2006/07. Segundo relatório da Consultoria Deloitte, a Bundesliga, que teve receita de 1.4 bilhões de euros na temporada em questão – um aumento de 15% em relação ao ano anterior – assumiu a vice-liderança entre os campeonatos que mais lucram.⁴⁶

Apesar do crescimento da Bundesliga, a competição nadou contra a corrente e, ao contrário das outras ligas, aumentou em apenas 12 milhões de euros o salário total dos jogadores do campeonato. No total dos cinco maiores campeonatos da Europa (Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, Itália), o salário aumentou em 260 milhões de euros (7%) em relação à temporada anterior.⁴⁷

Ainda de acordo com o relatório da Deloitte, a Bundesliga conseguiu bater a Premier League no quesito lucros operacionais, com um incrível aumento de 168 milhões de euros

⁴⁵ Nome dado a primeira divisão do Campeonato Espanhol

⁴⁶ Annual Review of Football Finance, 2008. Fonte: Football Finance Disponível em <http://www.deloitte.com>
Acesso em 27 mar. 2013

⁴⁷ Ibidem

(206%) em relação à temporada anterior, o Campeonato Alemão somou 250 milhões de euros e ficou na liderança.⁴⁸

Embora a Bundesliga tenha começado seu crescimento na temporada 2006/07, os clubes alemães ainda não refletiam o sucesso da liga nos gramados. De 2003/04 a 2007/08, nenhum time da Alemanha chegou sequer à semifinal da Liga dos Campeões, enquanto os da Itália tiveram um título, um finalista e um semifinalista, todos centralizados na figura do Milan. Na Copa da UEFA, duas semifinais para cada país.

O crescimento da Bundesliga estava apenas começando. No relatório de 2010 da Deloitte, que abrange a temporada 2008/09, a receita do Campeonato Alemão cresceu incríveis 137 milhões de euros (10%), chegando a 1.575 bilhões de euros. A liga italiana cresceu 73 milhões de euros (5%) na temporada, chegando a 1.494 bilhões de euros e ficando apenas na quarta posição entre os campeonatos nacionais europeus.⁴⁹

Apesar do pouco lucro, os salários pagos aos jogadores no Campeonato Italiano cresceram 121 milhões de euros (12%), enquanto os times da Bundesliga pagaram 78 milhões de euros a mais do que na temporada anterior.⁵⁰

A Premier League e a Bundesliga foram as únicas a atingir lucros operacionais em 2008/09, com a liga alemã chegando a 172 milhões de euros e a inglesa a 93 milhões de euros.⁵¹

Enquanto na lista divulgada pela Deloitte o Milan era o sexto em 2006/07, o primeiro time alemão a figurar entre os mais ricos era o Bayern de Munique, com receita de 223.3 milhões de euros, em sétimo, seguido por Liverpool (Inglaterra), Internazionale (Itália), Roma (Itália), Tottenham (Inglaterra), Juventus (Itália). Apenas em 16º outro clube alemão aparecia,

⁴⁸ Annual Review of Football Finance, 2008. Fonte: Football Finance Disponível em <http://www.deloitte.com> Acesso em 27 mar. 2013

⁴⁹ Ibidem

⁵⁰ Annual Review of Football Finance, 2008. Fonte: Football Finance Disponível em <http://www.deloitte.com> Acesso em 27 mar. 2013

⁵¹ Ibidem

o Schalke, com receita de 114.3 milhões de euros. Fechando a lista dos 20 mais ricos da Europa estava o Werder Bremen, terceiro e último time da Alemanha a figurar no relatório.⁵²

Em 2007/08, o Bayern de Munique pulou para a quarta posição (295.3 milhões de euros), atrás apenas de Real Madrid, Manchester United e Barcelona. O primeiro time italiano na lista foi o Milan (209.5 milhões), em oitavo, a frente de Roma, Internazionale e Juventus, nono, décimo e décimo primeiro, respectivamente. O Schalke subiu três posições e ficou em 13º, com 148.4 milhões de euros e outros dois times alemães (Hamburgo e Stuttgart) entraram no TOP 20 europeu.⁵³

O principal motivo para o crescimento dos lucros do Bayern de Munique foi a consolidação como único dono das ações da Allianz Arena. Anteriormente, o time alvirrubro detinha apenas 50% das ações do estádio, com o restante pertencendo ao TSV 1860 Munich, clube que também manda seus jogos na arena.⁵⁴

Enquanto a receita de bilheteria e outras verbas provenientes de dias de jogos foi de 69.4 milhões de euros para o Bayern de Munique, o Milan lucrou apenas 26.7 milhões de euros, a Roma recebeu 23.4 milhões de euros, a Inter, 28.4 milhões de euros, e a Juventus, apenas 12.5 milhões de euros no quesito. O Schalke, outro clube alemão no relatório, lucrou 32.3 milhões de euros com bilheteria. O time conta com o apoio maciço de sua fanática torcida e mantém média de 61,344 torcedores por partida.⁵⁵

Na temporada 2009/10, os times alemães continuaram crescendo, em especial o Bayern de Munique, que superou a casa dos 300 milhões de euros em receitas pela primeira vez, atingindo 323 milhões de euros. Se fora dos gramados, o clube de Munique foi sensacional, no campo, o time da Alemanha perdeu o duelo particular contra a Internazionale, na final da Liga dos Campeões da temporada. Embora tenha conquistado o título europeu, a equipe de Milão lucrou apenas 224.8 milhões de euros

⁵² The Football Money League, 2008. Fonte: Consultoria Deloitte Disponível em <http://www.deloitte.com> Acesso em 27 mai. 2013

⁵³ The Football Money League, 2009. Fonte: Consultoria Deloitte Disponível em <http://www.deloitte.com> Acesso em 27 mai. 2013

⁵⁴ Disponível em <http://www.allianz-arena.de/en/fakten/allgemeine-informationen/> Acesso em 25 mai. 2013

⁵⁵ Disponível em http://soccer.net.espn.go.com/stats/attendance/_/league/ger.1/year/2007/german-bundesliga?cc=3888 Acesso em 25 out. 2012

No entanto, a temporada 2009/10 foi uma exceção. Desde 2006/07, quando o Milan foi campeão, nenhum outro clube italiano passou sequer da fase de quartas-de-final.

Mesmo com dois títulos em um curto período, o que era inimaginável em 1989, quando o Milan erguia o título de campeão europeu, tornou-se pesadelo real na temporada 2010/11. Com o péssimo desempenho das equipes italianas em competições continentais, o campeonato do país perdeu a posição no ranking de coeficiente da UEFA para a Alemanha, caindo para a quarta colocação e, conseqüentemente, perdendo uma vaga na Liga dos Campeões a partir de 2012/13.

O coeficiente da UEFA é somado pelo desempenho dos clubes nas últimas cinco temporadas e as campanhas das outras equipes além de Inter e Milan deixaram a desejar, o que acabou culminando na perda da vaga.

Desempenho que resultou na perda da vaga:

Liga dos Campeões

06/07 – Apenas um time alemão passou da fase de grupos, o Bayern, que acabou derrotado pelo Milan nas quartas de final. Três times italianos chegaram às oitavas, dois passaram às quartas de final e um venceu a competição – o Milan.

07/08 – Apenas um time alemão, o Schalke, passou da fase de grupos. A equipe azul e branca foi eliminada nas quartas de final pelo Barcelona. Três times italianos chegaram às oitavas e um às quartas.

08/09 – Entre os alemães, apenas o Bayern sobreviveu à fase de grupos, sendo eliminado nas quartas de final, pelo Barcelona. Três clubes da Itália passaram de grupo e foram eliminados nas oitavas de final.

09/10 – Dois alemães chegaram às oitavas e apenas um sobreviveu, o Bayern, que acabou sendo vice-campeão. Três italianos passaram da fase de grupos e dois foram eliminados nas oitavas de final. A Internazionale venceu a competição.

10/11 – Dois times alemães chegaram às oitavas e não sobreviveram, enquanto três da Itália também foram eliminadas na mesma fase.

Se o desempenho alemão não era excepcional na Liga dos Campeões, na Europa League⁵⁶, as equipes da Alemanha se sobressaíram em relação às da Itália e foram recompensadas por isso.

Europa League

06/07 – Apenas um time italiano chegou às oitavas, enquanto um alemão caiu nas quartas e outro na semifinal.

07/08 – Quatro equipes alemãs chegaram às oitavas de final e uma foi além, caindo apenas na semifinal. Apenas um time italiano chegou às oitavas e também caiu na semi.

08/09 – Um time alemão caiu na semifinal e outro foi vice-campeão. Só um esquadrão italiano chegou às quartas.

09/10 – Apenas um time italiano alcançou as oitavas de final, enquanto um alemão caiu nas quartas e outro na semi.

10/11 – O Napoli, único time da Itália a atingir a fase eliminatória, sequer chegou às oitavas. Uma equipe alemã caiu nas oitavas de final.

Com a derrota do Napoli para o Villarreal, no dia 24 de fevereiro de 2011, por 2 a 1, a Serie A italiana perdeu o posto de terceira melhor colocada no ranking de coeficientes da UEFA para a Bundesliga, o que significou que os clubes alemães teriam direito a uma outra vaga, a quarta, para a Liga dos Campeões 2012/13, enquanto os times da Itália ficaram com apenas três lugares na maior competição europeia de clubes.

Então técnico do Chelsea, o italiano Carlo Ancelotti comentou a respeito da crise italiana em uma entrevista ao jornal *La Repubblica*:

A crise do futebol italiano é transitória: pouco investimento, talento e muitas dificuldades na seleção. Em outras épocas, as táticas italianas faziam diferença, mas os outros nos alcançaram. As últimas 16 Copas dos Campeões foram vencidas nos contra-ataques. Não há muito o que

⁵⁶ Competição na qual a Copa da UEFA se transformou, a partir da temporada 2009/10

inventar no futebol. Nós não aprendemos, mas os outros, sim. Eu acho que é necessário haver uma revolução cultural na Itália e privatização dos estádios. Eles são desconfortáveis e alguns horríveis, e vem sendo assim desde 1990.⁵⁷

Na temporada 2010/11, a média de público da Serie A italiana foi de apenas 24.031, contra 29.128 da Liga Espanhola e 35.283 do Campeonato Inglês. Ancelotti ressaltou o problema que apenas os dirigentes italianos não perceberam: os estádios são peças fundamentais nas receitas dos clubes.

Além da ótima administração da liga, o que chama a atenção na Alemanha é a torcida, que comparece e lota os estádios. Com a maior média de público do mundo, a Bundesliga recebeu 45.726 torcedores por partida na temporada 2011/12. O Borussia Dortmund, campeão na temporada 2010/11 e 2011/12, liderou a lista. Com um estádio com capacidade para receber 80.720 pessoas, teve uma média de 80.521 espectadores por partida na temporada.⁵⁸

⁵⁷ Disponível em <http://www.goal.com/it/news/61/inghilterra/2011/02/25/2368466/il-calcio-italiano-%C3%A8-in-crisi-e-ancelotti-mette-il-dito> Acesso em 26 out. 2012

⁵⁸ Público nos estádios da Bundesliga. Fonte: ESPN Internacional (online) Disponível http://soccer.net.espn.go.com/stats/attendance/_/league/ger.1/year/2011/german-bundesliga?cc=3888 [capturado em 26 out. 2012]

5- CONCLUSÃO

Após viver o apogeu no fim da década de 1980, o futebol italiano entrou em colapso no início dos anos 2000 e, por consequência de dez anos de estagnação, acabou sendo ultrapassado por Inglaterra, Espanha e Alemanha. A última responsável direta pela perda de uma vaga da Itália na Liga dos Campeões da Europa.

A partir deste estudo é possível comprovar as razões que levaram o futebol italiano ao declínio, principalmente a falta de investimento em estádios, evidenciado pela comparação dos motivos que favoreceram o crescimento dos clubes alemães, que mudaram suas gestões e, assim como o país em geral, transformou a maneira de enxergar o esporte, tornando-o uma fonte de renda e lucro ao passar a vê-lo como uma atividade de entretenimento altamente lucrativa para o marketing esportivo.

Graças a essa mudança de mentalidade no futebol alemão que foi possível o desenvolvimento do futebol do país, que, ao contrário do que não fizeram os italianos, passou a ser investido como qualquer outra empresa, com confortáveis e modernos estádios geradores de renda, infraestrutura nas categorias de base, e mudanças nas leis, que tornaram a Bundesliga o sucesso e a potência que é hoje, valorizada e reconhecida pelos torcedores não só da Alemanha, como fora dela. Hoje, ao pensarmos em favoritos para a Copa do Mundo no Brasil de 2014 é impossível não citar a badalada Alemanha, jovem e versátil, como forte concorrente.

O mesmo, não ocorre com a Itália, que figura entre as favoritas apenas pela sua força histórica e não de fato pelo time, velho e dependente de grandes jogadores em fim de carreira. Ao contrário da Bundesliga, a Serie A se desvalorizou com os anos devido aos escândalos de armação de resultados, o que fez com que perdesse a credibilidade diante dos torcedores, assim como a violência, que afastou os apaixonados pelo esporte dos estádios.

Enquanto a Alemanha investia para fortalecer o futebol do país e atrair cada vez mais investimentos e patrocínios, e claro, jogadores, a Itália, potência na Europa há mais de 20 anos, seguia com modelos de gestão ultrapassados, e a ascensão que a Velha Bota viu florescer um dia acabou se desintegrando. Não à toa, grandes contratações de craques estrangeiros não são mais vistas com frequência no país; o que antes era o sonho de qualquer jogador, agora não passa de um mercado evitado.

O que se conclui é que é necessário sempre estar se renovando, de acordo com o mercado, e até antes dele. Muitos clubes ainda vivem no ostracismo e não entenderam o futebol não só como esporte, mas como poderosa fonte de renda, ainda pouco explorada comercialmente.

O Brasil, que tem como paixão nacional o esporte bretão, ainda convive muito com a falta de profissionalismo encontrada nos clubes. Até mesmo com seus campeonatos. Pode-se dizer que a “Máfia do Apito” que anulou alguns resultados de 2005 teve consequências parecidas com a corrupção da Itália. Assim como na Velha Bota, o Brasileirão se desvalorizou neste período, não à toa, que os clubes vendiam mais do que compravam grandes atletas.

Assim como na Serie A, é possível identificar casos de violência nas arquibancadas, mesmo em jogos do Brasileirão deste ano, como em jogos do Corinthians, São Paulo, Coritiba, Atlético-PR e Goiás. Até mesmo as torcidas organizadas do Cruzeiro, campeão brasileiro, se envolveram em brigas nos arredores do Mineirão no jogo da entrega da taça, obrigando a diretoria cruzeirense a cancelar a festa do título e os demais torcedores exigirem o fim de duas organizadas. Diante disto, é impossível não pensar que o Brasil também sofre com problemas parecidos aos dos italianos. A diferença é que não entrou-se em colapso (ainda).

Posto isto, este pode ser um guia para cartolas brasileiros tornarem seus clubes mais profissionais. O caminho já começa a ser traçado com o movimento de sócio-torcedor, numa parceria entre Brahma e times. O Flamengo, por exemplo, caminha para uma gestão mais austera para reposicionar o clube de volta a credibilidade financeira, a partir de poucas contratações exorbitantes e investimentos na base, criando seus próprios craques.

Ver o futebol não só com paixão, mas com profissionalismo e percepção do que ele pode render é o primeiro caminho para a ascensão de qualquer clube e escola. Mudar a mentalidade dos envolvidos com o esporte, desde o Governo à torcida é fundamental para o seu crescimento. Quanto mais apaixonados, mais patrocínios e investimentos em cima da marca e produto, mais renda, e assim, mais infraestrutura de estádios, clube, centro de treinamentos e contratação de profissionais gabaritados.

Na contramão do retrocesso italiano, a Juventus, pivô do escândalo de 2006, parece ter voltado a trilhar o caminho das vitórias. Campeã invicta na temporada 2011/12, o time de Turim foi a pioneira na Itália a perceber a importância de um estádio moderno, capaz de

render grandes receitas e lucros. Será que a Velha Senhora será o catalisador capaz de reestruturar o futebol da Itália a ponto de disputar com a crescente força alemã? Resta saber também qual o limite da Bundesliga, já que toda ascensão tem um ápice e um declínio, qual será o folêgo alemão? Por isto, esta pesquisa nunca estará finalizada; pelo futebol não ser certo, nem objetivo, as possibilidades são infinitas e, assim como a própria sociedade, estão em constante movimento e se reformulando.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDEIAS, Ricardo. Personalização de Equipa e Transformação de Clube em Sociedade Anónima Desportiva - Contributo para um estudo das sociedades desportivas, Portugal, Coimbra Editora

COELHO, Paulo Vinícius. Bola fora: o êxodo do futebol brasileiro. São Paulo, Panda Books, 2009

GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do Futebol: Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões. São Paulo, Nova Alexandria, 2010

MORAIS, António Manuel. Sociedades Anónimas Deportivas - Derecho Comparado. Portugal, Hugin Editores, 2001

HORNBY, Nick. Febre de Bola. São Paulo, Companhia das Letras, 2013

BARROS, Bruno Pessoa Cavalcanti. Marketing esportivo no futebol brasileiro e a transformação do torcedor em consumidor. Escola de Comunicação UFRJ, trabalho apresentado para conclusão de curso de Jornalismo, Orientador: Eduardo Refkalefsky, 2009

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão - A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro, Zahar, 1997

MÍDIA IMPRESSA

Corriere dello Sport, 29 de novembro de 2012

FourFourTwo, 19 de maio de 2012

Gazzetta dello Sport, 18 de outubro de 2012

The Telegraph, 15 de abril de 2008

WEBGRAFIA

<http://www.transfermarkt.co.uk/>

<http://www.premierleague.com/en-gb/about/history.html>

http://www.wto.org/english/news_e/pres10_e/pr598_e.htm

<http://www.deloitte.com>

<http://european-football-statistics.co.uk/attn.htm>

<http://www.rsssf.com/tables/italcup87.html>

<http://www.quattrotratti.com>

<http://www.fifa.com>

<http://www.uefa.com>

<http://www.juventus.com>

<http://www.acmilan.com>

<http://forzaitalianfootball.com/2012/08/arrigo-sacchi-and-his-italian-revolution/>

<http://trivela.uol.com.br/blog/lado-b/13o-arrigo-sacchi-a-revolucao-tatica-via-4-4-2>

<http://globoesporte.globo.com/platb/olhotatico/2010/03/24/a-tatica-e-os-craques/>

http://www.biographybase.com/biography/van_Basten_Marco.html

http://www.rdes.it/TESI_BENTANI.pdf

<http://www.guardian.co.uk/>

<http://soccernet.espn.go.com>

<http://www.allianz-arena.de>

<http://www.goal.com>

<http://forzaitalianfootball.com/>

<http://kassiesa.home.xs4all.nl>

<http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/1991/02/16/ultimatum-di-berlusconi.html>